



O poder sobe mesmo à cabeça

Arménio Rego
Católica Porto
Business School



E muito poderosa e abastada. Num certo dia de 2001, chegou deslumbrada a casa. Estava ansiosa por transmitir a boa notícia à mãe. Mas logo ouviu: "vai buscar leite à loja". Quando regressou, irritada, ouviu da mãe: "Deixa essa maldita coroa na garagem". Indra Nooy tinha sido, nesse dia, nomeada para a Administração da PepsiCo. E estava entusiasmada. Mas a mãe vislumbrou que o poder acabara de subir à cabeça da filha. E veiculou uma mensagem: não percas o sentido da realidade, mantém os pés assentes na terra. Clementine, a mulher de Winston Churchill, foi igualmente severa com o marido, tendo-lhe escrito: "Meu querido Winston, tenho assistido a uma deterioração na tua conduta; e não és agora tão amável como costumavas ser". Alguém tinha dito a Clementine que o marido se tomara desdenhoso com os subordinados e pouco inclinado a aceitar ideias e sugestões. O poder estava a subir à cabeça de Churchill e a esposa detetou o perigo. O exercício do poder altera a conduta dos poderosos. Torna-os menos empáticos, menos sensíveis ao sofrimento que possam causar aos outros, mais propensos a decisões insensatas. A doença ajuda a explicar como executivos remunerados principescamente se estão nas tintas para os prejuízos causados a subordinados e clientes. Explica porque o ex-DDT sente que não tem o dever de pedir desculpas. Permite compreender como alguns políticos se vão tomando soberbos e desligados da realidade dos cidadãos. Ajuda a entender porque as pessoas poderosas esperam que os outros vejam o mundo como elas – e não compreendem como alguém pode ter o desprazo de pensar de modo diferente. A doença também explica como os poderosos se tomam obcecados com as suas próprias perspetivas do mundo e têm dificuldade em colocar-se na pele dos outros. Imagine o leitor que é convidado a escrever a letra E na sua testa, para que outras pessoas a leiam. Uma pesquisa inventiva, liderada por Adam Galinsky, é elucidativa. Os investigadores convidaram algumas pessoas a refletirem sobre uma experiência pessoal em que haviam tido poder, e outras pessoas a pensarem sobre experiências em que sentiram pouco poder. A pesquisa mostrou que as pessoas "poderosas" são menos propensas a escrever a letra E de modo que os outros a leiam corretamente. Ou seja, são mais propensas a "virar" a letra E para si próprias. Regressemos à questão articulada no título: o poder sobe mesmo à cabeça? Estudos realizados por Dacher Keltner e Sukhvinder Obhi sugerem que a expressão popular tem fundamento biológico: o poder afeta o funcionamento do cérebro. Provoca uma espécie de anestesia nos nossos neurónios-espelho. São estes que nos permitem desenvolver empatia, compreender o outro, e sentir o que o outro sente – mas o poder anestesia-os! Se o leitor quer prevenir o risco de ficar anestesiado, pense em momentos em que sentiu desprovido de poder. Rodeie-se de quem lhe diz a verdade, por crua que seja. Conviva com pessoas que não fazem parte do seu círculo de poder. Observe a realidade no exterior do seu gabinete. Visite as pessoas nos locais onde trabalham. Saia da sua torre de marfim. Ponha as mãos na massa. Lembre-se de que a boa condução de uma viatura requer o uso equilibrado do acelerador e do travão. Para exercer devidamente o poder, não pode ter o pé permanentemente no travão. Mas também não pode carregar continuamente no acelerador – sob pena de se estatelar. Não se deslumbre com o sucesso. Lembre-se de que é mortal! Para aprofundamento: Cunha, M. P., Rego, A., & Guiñote, A. (2017). Poder: Veneno e remédio. Lisboa: Lidel. ◀